

História da Teologia do Martírio na América Latina: primeiro ensaio de uma tese sobre esperança-cruz

*History of Martyrdom Theology in Latin America:
first test of a thesis on hope-cross*

*Luís Corrêa Lima
João Pedro Augusto Alves de Holanda*

Resumo

O martírio, nos primeiros séculos da Igreja, sempre pareceu uma consequência quase que certa da adesão ao seguimento de Cristo. Esse artigo propõe o nosso primeiro olhar sobre a dimensão histórico-teológica do martírio no Antigo e Novo Testamento, como também, nos primeiros séculos. O objetivo é iniciar uma pesquisa sobre as possibilidades e consequências do alargamento do conceito clássico de martírio. Não se pretende obter com este artigo uma análise conclusiva do tema, mas, sim, traçar algumas possibilidades para a continuidade da pesquisa. A premissa desta tese estaria em encontrar na dupla dimensão do único mandamento – amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo – um conceito de martírio que abarque a situação vivida e sofrida na América Latina. A teologia do Martírio perpassa a teologia da Cruz que brota de uma teologia da Esperança. Logo, se pode dizer, numa primeira análise, que a teologia do Martírio é o resultado de uma práxis que tem por base a teologia da Esperança-Cruz.

Palavras-chave: Mártir. Testemunho. Caridade. Esperança-Cruz. América Latina.

Abstract

Martyrdom in the first centuries of the Church has always seemed an almost certain consequence of adhering to the following of Christ. This article proposes a first look at the historical-theological dimension of martyrdom in the old and New Testament, as well as in the first centuries. The objective is to

start a research on the possibilities and consequences of the extension of the classic concept of martyrdom. This article does not intend to obtain a conclusive analysis of the theme, but rather to outline some possibilities for the continuity of the research. The premise of this thesis would be to find in the double dimension of the only commandment – to love God above all things and to love one’s neighbor – a concept of martyrdom that encompasses the situation lived and suffered in Latin America. The theology of Martyrdom runs through the theology of the Cross that springs from a theology of Hope. Therefore, it can be said, in a first analysis, that the theology of Martyrdom is the result of a praxis that is based on the theology of Hope-Cross.

Keywords: Martyr. A testimony. Charity. Hope-Cross. Latin America.

Introdução

O martírio de cristãos na América Latina pode ser entendido “como referência-chave deste momento histórico para aprofundar um dos mistérios centrais da nossa fé: a cruz”.¹ Este artigo, de cunho sistemático-pastoral e parte integrante de nosso projeto de pesquisa: “História da Igreja e Modernidade: Permanências e Mudanças”, considera que a violência sofrida por alguns cristãos no Terceiro Mundo não é somente um problema político ou social, é, antes de mais nada, um problema teológico.² Neste primeiro ensaio pretende-se colocar em pauta para discussão acadêmica o tema do martírio na América Latina. É de suma importância desenvolver uma Teologia do Martírio que parta de uma Teologia da História.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira pretende-se, ainda que superficialmente, fazer uma abordagem histórico-teológica do entendimento de testemunho no Antigo e Novo Testamento até se chegar ao conceito de mártir no século II. Na segunda parte apresentamos o ponto de partida da nossa tese a partir de alguns questionamentos sobre o conceito de martírio: É possível alargar o conceito clássico de martírio a partir de uma releitura à luz da dupla dimensão do Novo Mandamento? O martírio como consequência de uma Teologia da Esperança-Cruz compreenderia a realidade da América Latina? Pode-se declarar um cristão como mártir a partir da defesa da vida sem a defesa direta da fé? A partir deste ensaio, pretende-se ter uma base histórica para

¹ MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C., Martírio, p. 26.

² MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C., Martírio, p. 9.

aprofundar o conceito de martírio na atualidade e apresentar no futuro uma resposta que possibilite um novo olhar para a realidade vivida na América Latina. Com isto, se quer desenvolver uma teologia do martírio que abarque a dimensão da Esperança-Cruz como resposta para a morte violenta de cristãos que perdem sua vida em defesa dos mais pobres e excluídos.

1. Teologia do Martírio que parte de uma Teologia da História

O martírio, nos primeiros séculos da Igreja, sempre pareceu uma consequência quase que certa da adesão ao seguimento de Cristo. Etimologicamente mártir – do grego *martys* – significa testemunha. Esse testemunho pode se dar “num plano histórico, jurídico ou religioso”.³ A partir do século II o termo mártir passa a designar “a pessoa que tenha dado testemunho em favor de Cristo e de sua doutrina com o sacrifício da vida”,⁴ ou seja pelo “testemunho do sangue”.⁵ Numa tentativa de sistematização pode-se dizer que na “acepção comum, mártir designa aquela pessoa que sofreu a morte violenta em testemunho da verdade religiosa ou por causa de práticas que se derivam desta verdade religiosa”.⁶

Numa abordagem histórica encontramos já no Antigo Testamento o germen do martírio. Dois elementos se destacam como ponto de partida para uma história da teologia do martírio: a figura do profeta e as vicissitudes históricas de Israel. a) Sobre a figura do profeta recai uma possível morte violenta, já que “o profeta pode ser denominado ‘mártir’, embora estejamos ainda longe da teologia do martírio na forma como esta será interpretada posteriormente”. Nas escrituras encontramos vários exemplos dessa eliminação de profetas. Em Jr 26,8-11 (“Deves morrer!” – dizem os ouvintes ao profeta); Jr 26,20-23 (O assassinato de Urias por ter profetizado); 2Cr 24,17-22 (apedrejamento de Zacarias); 1Rs 19,10-12 (Elias afirma que estão tentando matá-lo); Ne 9,26 (mataram teus profetas). Assim, “o profeta é, pois, testemunha da palavra dirigida a ele pelo Senhor, deve segui-la fielmente até o fim”. b) As vicissitudes históricas apontam para o entendimento da morte do inocente como um testemunho autêntico que mantém acesa a fé e firme a esperança. Com isso, “é possível identificar uma ‘primeira teologia do martírio’ por obra do povo hebraico” em Dn 11-12 e 2Mc 6-7.⁷

³ AUGRAIN, C., Mártir, p. 562.

⁴ SPINSANTI, S., Mártir, p. 698.

⁵ AUGRAIN, C., Mártir, p. 562.

⁶ BOFF, L., Martírio, p. 17.273.

⁷ FISICHELLA, R., Martírio, p. 569-570.

É na época dos Macabeus, naquele decênio que vê Israel dominado pela Síria de Antíoco IV Epífanes (175-163 aC), que podemos fixar o surgimento desta reflexão. A tentativa de reconduzir a uma matriz comum a interpretação do sofrimento e da morte por causa da fé dos pais, é o que constitui a ideia germinal de uma “teologia” do martírio que, curiosamente, parte de uma “teologia” da história. (...) É fácil descobrir nestes textos o fato de que a morte do inocente é entendida como um testemunho profundo, eficaz, capaz de manter firme a fé e suscitar esperança na intervenção do Senhor. (...) Para o AT, portanto, a testemunha que aceita a morte em nome da fé é inocente e sem culpa, seu sofrimento e morte são vistos como purificadores para o povo e sinal do maior testemunho que o povo possa receber.⁸

O Novo Testamento é marcado pela figura central de Jesus de Nazaré. A morte de Cristo é o eixo central para entender o martírio cristão. Sobre os dados neotestamentários pode-se destacar dois elementos: Jesus deu significado a sua morte e o destino dos discípulos de Jesus. a) “O fato de que Jesus quis dar significado a sua morte. Entre os dados certos que podemos obter como pertencentes ao Jesus histórico, seguramente há de enumerar o da consciência de uma morte violenta e o significado salvífico que lhe foi dado”. Os atos de Cristo afirmam sua plena consciência de que suas atitudes e palavras o levariam a uma morte violenta. Várias passagens dão conta disso. Em Mc 8,28 (Jesus é considerado um profeta); Mt 14,1-12 (a morte de João Batista); Mc 2,15-16 (Jesus e os pecadores públicos); Mc 3,1-6 (Jesus cura em dia de sábado); Mt 5,17-48 (Jesus contesta a lei); Mc 2,6; 14,64 (acusação de blasfêmia); Mt 9,34 (suspeição de bruxaria); Mc 11,15-18.28-33 (Expulsão dos vendedores do templo); Jo 5,18 (Filho de Deus); Jo 8,59; 10,31-33; Lc 4,29 (Jesus prestes a ser apedrejado). Em Cristo a morte é acolhida para a salvação de toda humanidade. b) O segundo elemento a ser destacado é o destino dos discípulos de Jesus. A sorte dos discípulos está associada a sorte do Mestre (Mc 8,34; 13,9) O seguimento de Cristo necessita da inserção na Missão de Jesus.⁹

Ser discípulo de Jesus é chamado escatológico, isto é, chamado para participar do serviço do reino de Deus (Mc 1,15). (...) É preciso segui-lo [Jesus], não por ser mestre e modelo, mas por ele ser o Senhor. (...) Os discípulos depois da

⁸ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 570.

⁹ FISICHELLA, R., *Martírio*, p. 570-572.

partida de Jesus, não se limitam a transmitir seu ensinamento; eles são as testemunhas da revelação que receberam em sua pessoa.¹⁰

Em Cristo nos tornamos um só homem, filhos no Filho, corpo de Cristo. Se fomos tirados de Adão logo somos um só em Cristo por sermos nele enxertados. Pelo Batismo somos enxertados em Cristo,¹¹ e, “portanto, compartilhamos de seu próprio sofrimento e morte”¹² (Mt 16,24; 20,22-23). No Novo Testamento não se verifica a associação “da ideia de martírio à aceitação da morte; também aqui, mártir é aquele que dá testemunho de fé e que atesta a verdade do Evangelho”.¹³

Nos primeiros séculos se vive o martírio como testemunho de seguimento de Cristo, Senhor (Estêvão em At 7,54-60). Inácio de Antioquia, martirizado por volta de 110-117, em sua *Carta aos Romanos* suplica: “Permiti-me imitar a paixão de meu Deus”, porque nela vê o ápice da vida cristã. Em virtude desta dolorosa experiência, a Igreja primitiva chega a afirmar que não só os mártires imitam Cristo, porém o próprio Cristo sofre neles.¹⁴

O discípulo que aceita seguir Jesus entende como sua a sorte do Mestre por antecipação. Cristo é perseguido nos cristãos, como se pode observar em At 22,7 que diz: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? Logo, Estêvão não é considerado mártir simplesmente por morrer, mas por ser testemunha de Cristo. Então,

O mártir é essencialmente a testemunha ocular da vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor; e, em seguida, todos os discípulos são chamados de mártires-testemunhas, porque atestam a verdade do evangelho nas diversas situações da vida, assumindo inclusive o risco de perseguição e de sofrimento (1Pd 4,12-19).¹⁵

É somente a partir do *Martyrium Polycarpi* que a palavra mártir recebe essa nova acepção de testemunha da caridade, a exemplo de Cristo.

Essa concepção de martírio desenvolveu-se de maneira muito rápida, e encontramos já quase todas as suas características em *O Mártírio de*

¹⁰ GOFFI, T., Seguimento/imitação, p. 1137-1140.

¹¹ RATZINGER, J., La fraternidad Cristiana, p. 110-113.

¹² FISICHELLA, R., Martírio, p. 571.

¹³ FISICHELLA, R., Martírio, p. 571.

¹⁴ GOFFI, T., Seguimento/imitação, p. 1140.

¹⁵ FISICHELLA, R., Martírio, p. 571.

Policarpo, relato redigido em meados do s. II por testemunhas oculares. Três séculos de perseguição pelo império Romano o inscreveram na consciência cristã, a tal ponto que se consideram em seguida esses séculos como o tempo dos mártires e se exageram a natureza e a amplitude das perseguições. (...) O fato é que tornar-se cristão envolvia o risco de se encontrar um dia diante da alternativa de morrer ou de apostatar. (...) A perseguição acabou brutalmente em 312 com a conversão de Constantino e a tolerância do cristianismo instituída pelo *édito de Milão*. (...) Com a apostasia de grande número de cristãos que desejavam em seguida voltar à Igreja e pelo contrário, a firmeza na fé de alguns deles, as perseguições levaram a atribuir grande importância à intercessão dos mártires. (...) Com a paz da Igreja, conservou-se a lembrança da época dos mártires graças a seu culto e a numerosos relatos de martírio, cada vez mais detalhados.¹⁶

Com esse panorâmico histórico, ainda que superficial, se pode concluir que o mártir se torna mártir pelo seu testemunho, não pela morte em si. A morte violenta seria consequência da adesão radical ao seguimento de Cristo. A sorte de Cristo é aceita por quem o segue como consequência natural do anúncio do reino e do Evangelho.

2. A memória dos mártires na América Latina a partir da Esperança-Cruz

Se nos primeiros séculos os perseguidores dos cristãos eram não-cristãos, parece, que hoje, na América Latina a situação é um pouco diferente. A memória dos mártires na América Latina pode ser definida como memória perigosa.

Estamos cada dia mais certos de que realmente não foi uma formulação ‘teórica’ da fé, por mais linda e corajosa que tenha sido, o que ‘complicou’ a existência de nossos irmãos sacrificados e selou o seu doloroso destino. Pelo contrário, isso deveu-se em todos os casos à fé feita atitude, transformada em modo de pensar, viver, falar e denunciar.¹⁷

A prática da fé de alguns passou a ser incômoda, perigosa e subversiva. Com o advento do Concílio Vaticano II, a América Latina foi fazendo a sua opção em defesa dos mais pobres. A partir de Medellín a Igreja latino-americana “começa a realizar uma experiência de Êxodo, de saída da escravidão sócio-política-econômica, para uma libertação integral que

¹⁶ LOUTH, A., *Martírio*, p. 1100-1101.

¹⁷ A PRÁXIS do martírio, p. 11.

transformasse este continente numa realidade mais justa, mais de acordo com o projeto de Deus”¹⁸ a ponto de muitos cristãos aceitarem que a simples defesa dessa transformação poderia conduzi-los também a experiência do martírio. Santo Oscar Romero acerca da perseguição aos cristãos disse:

A subversão é aquilo que atenta contra a verdadeira ordem das coisas, desejada por Deus. Por tanto, ao se institucionalizar uma violência injusta e ao se estruturar um pecado na sociedade, é dever da Igreja lutar contra esse pecado. A missão da Igreja é tirar o pecado do mundo, diante de uma organização do mundo que subverte a ordem de Deus, que avassala a dignidade humana, que persegue aquele que trata de fazer o bem. Quem luta contra isso não está incorrendo propriamente em subversão, pois não se pode chamar subversivo aquele que trabalha por uma subversão legítima para acabar com a subversão ilegítima. Em Medellín já se falara algo sobre a violência institucionalizada, contra a qual surgem muitos tipos de violência. Ai já estamos entrando em um terreno delicado. Mas, à luz da Igreja, no que se refere à acusação de que somos sacerdotes subversivos, para nós está bem claro que não somos subversivos quando pregamos e denunciamos a desordem de uma situação que subverte a própria ordem de Deus.¹⁹

O martírio na América Latina não pode ser entendido como um problema econômico, político e militar, apenas, mas como um problema teológico.²⁰ Nas décadas de 60 à 80 a América Latina “vivía umas das épocas sociais mais complexas da história recente, com regimes ditatoriais e repressivos, violência institucionalizada, bloqueios, desmantelamento de revoluções, abstenções eleitorais, fronteiras de apoio político e militar de potências estrangeiras, e outros problemas”.²¹ Nesse contexto a luta poderia ser uma forma lícita de defesa dos injustiçados. Por isso, é importante ter em mente que a perseguição aos cristãos:

Não era declarada, nem oficializada contra a instituição eclesial em si. Os perseguidores de hoje não dão aos mártires a “satisfação” e a “segurança” de haverem sido condenados clara, pública e oficialmente pelos tribunais reconhecidos, de maneira que fique “legalmente”, “canonicamente” evidente que são mártires.²²

¹⁸ TEPEDINO, A. M., De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias, perspectivas da Igreja Latino-americana, p. 382.

¹⁹ ROMERO, D. O., Homilia. *Apud* A PRÁXIS do martírio, p. 12.

²⁰ MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C., Martírio, p. 9.

²¹ LIMA, L. C., Puebla, Pedro Arrupe e a análise marxista, p. 327-348.

²² MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C., Martírio, p. 21.

Walbert Bühlmann em um artigo defende que:

Já não existem hoje perseguições aos cristãos no sentido tradicional. Nenhum sistema poderia permitir-se isto. (...) Os mártires de hoje já não morrem por causa de um artigo de fé, por causa da ortodoxia, mas por causa da ortopraxis, enquanto se engajam, de forma privada e pública, de acordo com sua fé, pela justiça, e por isso são perseguidos e executados.²³

Numa discussão atual sobre o tema o *Instrumentum Laboris* preparado para o Sínodo da Amazônia trouxe para o debate teológico a necessidade de uma teologia do martírio que englobe os casos de morte violenta de cristãos latino-americanos.

Ser Igreja na Amazônia de maneira realista significa levantar profeticamente o problema do poder, porque nesta região o povo não tem possibilidade de fazer valer seus direitos face às grandes corporações econômicas e instituições políticas. Atualmente, questionar o poder na defesa do território e dos direitos humanos significa arriscar a vida, abrindo um caminho de cruz e martírio. (...) A Igreja não pode permanecer indiferente, mas, pelo contrário, deve contribuir para a proteção das/dos defensores de direitos humanos, e fazer memória de seus mártires.²⁴

Nesta direção proposta pela Igreja, pode-se chegar com a defesa do próximo a uma antecipação escatológica. Aqueles que defendem os injustiçados procuram converter a “sociedade egoísta” em uma “sociedade fraterna”. É possível enxergar na defesa do próximo sinais da chegada do Reino. “Já” aqui é possível testemunhar o que “ainda não” será aqui. Pode-se dizer que o testemunho desses cristãos vitimados apontam para a vinda iminente do Reino de Deus.

A salvação definitiva ou libertação radical da humanidade para converter-se em uma sociedade de irmãos e irmãs, em uma comunidade viva em que já não existam as relações “servo-senhor”, da qual a dor e as lágrimas desaparecem após terem sido ouvidas se chama reino de Deus.²⁵

²³ BÜHLMANN, W., A Igreja como instituição em situações de perseguição aos cristãos, p. 81.337.

²⁴ SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum laboris*, 145.

²⁵ ROCHA, A. F., Práxis antecipatória e escatológica do Reino de Deus. p. 96-106.

Diante desta problemática, uma chaga aberta para a Igreja, se quer propor um primeiro ensaio de uma tese que procura ver as implicações e possibilidades de um alargamento do conceito clássico de martírio segundo um raciocínio histórico-escatológico a partir da esperança-cruz. Pois o “martírio é referência-chave deste momento histórico para aprofundar um dos mistérios centrais da nossa fé – a cruz, o sofrimento. (...) a cruz dá sentido à vida que se vive e à causa que se abraça”.²⁶ O estudo do alargamento do conceito clássico de martírio deve levar em conta algumas realidades expostas a seguir. O objetivo é traçar algumas possibilidades para análise futura.

2.1. Testemunho e morte violenta

Como foi exposto na parte primeira desse artigo, o testemunho, no primeiro século da Igreja, parecia importar mais que o fato da morte em si. A sorte de Cristo passa a ser a sorte daquele que o segue. Segundo Karl Rahner, Tomás de Aquino “defende (...) um conceito mais amplo de martírio”.²⁷ Na *Suma Teológica*, Santo Tomás trata da questão do martírio em cinco artigos.²⁸

O primeiro questiona se o martírio é um ato de virtude; o segundo pergunta se o martírio é um ato de fortaleza; a questão levantada pelo terceiro artigo é referente a se o martírio seria um ato de perfeição máxima; o quarto artigo, por sua vez, questiona se a morte é obrigatória ao martírio e o quinto artigo, por fim, pergunta se só a fé é a causa do martírio.²⁹

Na discursão do quarto artigo “parece que a morte não é da essência do martírio”.³⁰ A solução dada por Tomás de Aquino é esta:

Como dissemos, mártir significa como que testemunho da fé cristã, que nos manda desprezar o visível pelo invisível, como diz o Apóstolo. Ora, o martírio consiste em darmos testemunho da fé, mostrando, por obras, que desprezamos todos os bens presentes para alcançarmos os futuros e invisíveis. Mas, enquanto vivemos nesta vida ainda não mostramos, por obras, que desprezamos todas as coisas materiais. Por isso, costumam os homens desprezar os parentes e todos os bens que possuem, e mesmo

²⁶ MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C., *Martírio*, p. 26.

²⁷ RAHNER, K., *Dimensões do Martírio*, p. 16.272.

²⁸ ST II, II, q. 124, a. 1-5.

²⁹ BOENAVIDES, D. M., *De martyrio in quinque articulos divisa*, p. 6.

³⁰ ST II, II, q. 124, a. 4.

sofrer as dores do corpo, para conservarem a vida. (...) Por onde, o martírio, na sua noção perfeita, exige que se sofra a morte por Cristo.³¹

Porém, Tomás de Aquino, não descarta a possibilidade de haver o sofrimento sem a morte iminente.

Pode acontecer, às vezes, que alguém viva ainda bastante depois de ter recebido, por Cristo, ferimentos mortais, ou quaisquer outras tribulações continuadas até a morte, sofridas, dos perseguidores, por fé de Cristo. E nessas condições o ato do martírio é meritório e ainda durante o tempo mesmo em que tais padecimentos são sofridos.³²

Logo, para santo Tomás “não existe martírio sem que o mártir morra, [portanto, sendo] o mártir como testemunha da fé cristã”.³³

2.2. As duas dimensões do Novo Mandamento

No quinto artigo, Tomás de Aquino questiona se somente a fé pode ser a causa do martírio. Cristo institui um novo mandamento, o mandamento do amor: “Amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força (...) amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este” (Mc 12,30-31). A caridade unida a fé em Cristo não poderia ser causa do martírio? Diz Tomás de Aquino:

Parece que as mais excelentes obras virtuosas são as ordenadas ao bem comum, porque o bem do povo é preferível ao do indivíduo. Segundo o Filósofo. Suposto, pois, que outro bem, que não a fé, fosse a causa do martírio, mártires por excelência seriam os que morressem pela defesa da república. Ora, isso, não é de nenhum modo conforme à prática da Igreja. Assim, não se celebram martírios de soldados mortos numa guerra justa. Logo, só a fé é a causa do martírio. Mas, em contrário, a Escritura: Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça; o que constitui o martírio, como diz a Glosa a esse lugar. Ora, à justiça pertence não só a fé, mas também as outras virtudes. Logo, também as outras virtudes podem ser causa do martírio.³⁴

³¹ ST II, II, q. 124, a. 4, Sol.

³² ST II, II, q. 124, a. 4, Resp. 4.

³³ BOENAVIDES, D. M., De martyrio in quinque articulos divisa, p. 8.

³⁴ ST II, II, q. 124, a. 5, ques. 3.

Segundo K. Rahner é fundamental entender o martírio em duas dimensões: morte por amor a fé cristã sem combate ativo e a aceitação da morte como consequência de um combate ativo. Para ele a questão está no combate ativo que deveria – para Igreja – ser um exemplo digno de imitação, testemunha de Cristo.³⁵ Nesta pesquisa, o Novo Mandamento instituído por Cristo se torna chave central para um alargamento do conceito de martírio. Para Rahner existe o combate passivo e o combate ativo. No combate ativo ele cita como exemplo a morte de Dom Oscar Romero. Pode-se dizer que no combate passivo se enquadram os mártires que não renunciaram a fé em Cristo. No combate ativo enquadram-se, assim, aqueles que foram perseguidos por defenderem o próximo através das obras. Tomás de Aquino diz “que a fé não seja apenas afirmada em palavras, mas também demonstrada através de ações”.³⁶ Logo:

O bem da república é o primeiro dos bens humanos. Ora, o bem divino, que é a causa própria do martírio, é mais excelente que o bem humano. Mas, como o bem humano pode tornar-se divino, se se referir a Deus, por isso, qualquer bem humano pode ser causa de martírio, enquanto referido a Deus.³⁷

Se o martírio é consequência da práxis total do Novo Mandamento não pode ser anulada a dimensão do amor ao próximo. O amar a Deus sobre todas as coisas corresponderia a esse combate passivo. A adesão incondicional a fé não permite confessar outra coisa senão o amor a Deus acima de tudo, com toda a alma, com toda a força. Mas, também “se alguém disser: ‘amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também seu irmão” (1 Jo 4,20-21). Logo, amar ao próximo, pode também, ser causa de martírio. E o alargamento do conceito de martírio pode encontrar na dupla dimensão do único mandamento um entendimento que abarque a situação vivida e sofrida na América Latina. Se qualquer bem humano pode ser causa de martírio quando referido a Deus, existe bem maior que dar a vida pelo próximo? Existe obra mais referida a Deus que a promoção da justiça e a defesa dos mais pobres e explorados diante de uma sociedade que exclui e marginaliza os humildes?

³⁵ RAHNER, K., *Dimensões do Martírio*, p. 13-16.269-272.

³⁶ BOENAVIDES, D. M., *De martyrio in quinque articulos divisa*, p. 8.

³⁷ ST II, II, q. 124, a. 5, resp. 3.

2.3. O martírio como consequência da Esperança-Cruz

A ressurreição não anula a cruz, mas confere a ela um significado novo e autêntico. A cruz está fincada nesta terra, logo a salvação está relacionada com este mundo, pois, foi neste mundo que se deu a revelação de Cristo. Portanto, a esperança aponta para cruz. Nesta chave de leitura do martírio a cruz é essencial para a compreensão do sofrimento cristão como porta de acesso para a ressurreição. A teologia do Martírio perpassa a teologia da Cruz que brota de uma teologia da Esperança. Logo, se pode dizer, numa primeira análise, que a teologia do Martírio é o resultado de uma práxis que tem por base a teologia da Esperança-Cruz. Só vivendo “já” aqui o sinal da salvação por antecipação que se pode abraçar o martírio como certeza do “ainda-não” realizado, certeza de quem espera e crê ser a testemunha de Cristo.

A fé cristã está ligada ao conhecimento do Crucificado, com o conhecimento de Deus no Cristo crucificado, (...) com o conhecimento do “Deus crucificado”. (...) A teologia da Cruz é uma doutrina prática de luta. (...) O Cristo que ressuscitou dentre os mortos *antes de nós*, torna-se, por meio de seu sofrimento e morte, o Cristo *por nós*, assim como o “Deus antes de nós” também se tornou o “Deus por nós”. Nele, a antecipação da ressurreição dos mortos ganha o seu sentido salvífico para nós apenas na sua entrega por nós na cruz.³⁸

No mártir é Cristo que sofre nele. A memória da paixão é ao mesmo tempo perigosa e libertadora. Aquele que se aproxima da Eucaristia e se dispõe a comungar deve assumir o perigo, pois, “a glória de Deus não brilha sobre as coroas dos poderosos, mas na face do Cristo crucificado”.³⁹ E no terceiro mundo a glória de Deus brilha no rosto de cristãos perseguidos e martirizados. É de suma importância desenvolver uma teologia do martírio que compreenda a

Ressurreição de Jesus em sua relação com as vítimas, de modo que a esperança por ela desencadeada seja, antes de mais nada, esperança para as vítimas. [O combate ativo numa práxis a partir do amor ao próximo nos faz] viver como ressuscitados já na história [pois relaciona] o seguimento de Jesus com o plenificante e o escatológico.⁴⁰

³⁸ MOLTMANN, J., O Deus crucificado, p. 231.

³⁹ MOLTMANN, J., O Deus crucificado, p. 403.

⁴⁰ SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 25.

Numa perspectiva do mártir como vítima não se pode separar cruz e ressurreição, pois:

No querigma primitivo se anuncia a ressurreição junto com a cruz de Jesus (1Cor 15,3-4), mas não só no óbvio sentido de justaposição lógica-cronológica – sem morte não pode haver ressurreição – mas sim num sentido mutuamente explicativo: “aquele que matastes, Deus o ressuscitou” (At 2, 23-24).⁴¹

Segundo Sobrino, “a cruz é o lugar teológico privilegiado para se compreender a ressurreição e outros lugares o serão na medida em que analogamente reproduzem a realidade da cruz”. Dessa forma, o Gólgota, na atualidade, é a América Latina, por isso, historicamente esta pesquisa está no lugar propício para ser desenvolvida. Como fazer entender que um povo que fôra crucificado por amor ao próximo também é um povo ressuscitado? O que há “de verdade na fé [é] que Deus é um Deus da vida, que fez justiça a uma vítima inocente ressuscitando-a da morte e que no final Deus será tudo em todos”.⁴²

2.4. O Seguimento de Jesus

Analisar e entender o tipo de seguimento de Jesus que melhor se adequa a América Latina definirá o tipo de martírio que se encontrará na conclusão desta pesquisa. Faz-se necessário aprofundar e revisitar à luz da atualidade o conceito de caridade em Tomás de Aquino, pois o martírio pelo bem público ou morte motivada pela virtude da caridade pode apresentar contradições. A virtude da caridade, segundo Tomás de Aquino, pode ser entendida como uma virtude infusa, presente em nós mediante o estado de graça e não deve ser confundida com o amor que Sócrates, por exemplo, tinha à filosofia, senão, o martírio dos tempos modernos nada teria haver com o martírio dos primeiros cristãos. Se olharmos para a história dos cristãos vitimados talvez encontremos a *luta de classes* como força motriz do martírio e nela uma possível fonte de contradição. É importante salientar que “o cristianismo reconhece a legitimidade de certas lutas, não excluindo a revolução em situações extremas de tirania que não admitem outro remédio”.⁴³ Apesar disso, “a insurreição gera novas injustiças, introduz novos desequilíbrios e provoca novas ruínas”.⁴⁴ Uma

⁴¹ SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 28.

⁴² SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 29.

⁴³ LIMA, L. C., Puebla, Pedro Arrupe e a análise marxista, p. 327-348.

⁴⁴ LIMA, L. C., Puebla, Pedro Arrupe e a análise marxista, p. 327-348.

pessoa que resolva lutar pelos direitos dos pobres simplesmente para tentar resolver um problema que a incomoda – a desigualdade social – e morre por isso, não poderia ter a sua morte associada ao martírio, pois a meta final dos seus atos seria a solução de um problema que a incomodava. Essa pessoa estaria agindo por meio do amor natural ao próximo ou à sociedade e não por meio da virtude teológica da caridade. Essa é a base do pensamento clássico. Esta, talvez, seja a interpretação que fez com que os cristãos vitimados na América Latina não fossem considerados mártires. Há um abismo entre amor natural e virtude da caridade. Avançando em nossa pesquisa, neste caso específico da violência contra cristãos na América Latina, a defesa do próximo deve priorizar outros meios para a transformação da sociedade, sem recorrer a violência; mas o contexto histórico-político em que ocorreram essas violências, também, deve ser levado em conta.

Como ensina o papa Paulo VI, a insurreição revolucionária apenas se justifica em casos de “tirania evidente e prolongada”, que ofende gravemente os direitos fundamentais da pessoa humana e prejudica o bem comum do país. (...) “Nunca se pode combater um mal real à custa de uma desgraça maior”. Por isso não se pode admitir que o melhor modo de se acabar com as lutas seja a própria luta. O cristão deve tentar sempre dar prioridade a outros meios para a transformação da sociedade, recorrendo à persuasão, ao testemunho e à reconciliação, sem nunca perder a esperança da conversão. Somente em última instância se admite o recurso à luta como defesa contra a injustiça, sobretudo se esta implica em violência. Trata-se de toda uma filosofia – e, para o cristão, de uma teologia – da ação.⁴⁵

Temos aqui dois pontos para reflexão: o amor natural e o amor caritativo (virtude da caridade). Segundo esse raciocínio, uma pessoa que padece e eventualmente morre só poderia ser chamada mártir se a natureza do amor que a levou a morrer fosse sobrenatural e não natural. Esta pesquisa quer defender que tanto o amor natural quando o amor caritativo podem ser causa de martírio e que ambas não se excluem, pois temos um único mandamento: amar a Deus e ao próximo. Tanto a defesa da fé quanto a defesa da vida – entendendo que em última instância, devido ao contexto histórico-político, a luta seria um recurso válido – podem ser causas legítimas de martírio na atualidade, sobretudo na América Latina, em que o martírio é vivenciado por aqueles que defendem os mais pobres e excluídos. E ao voltar para o primeiro ponto deste

⁴⁵ LIMA, L. C., Puebla, Pedro Arrupe e a análise marxista, p. 327-348.

artigo, em que se observa a opção preferencial de Jesus, conclui-se ainda que superficialmente, que a defesa e valorização da vida constituiu o ponto central da pregação de Cristo: “Eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Logo a questão que precisa ser aprofundada e resolvida é se se pode declarar um mártir não pela causa da defesa direta da fé, mas pela defesa da vida, opção preferencial de Jesus. A pessoa que assume para si a sorte de Cristo pode muito bem enxergar Cristo nos excluídos que estão às margens da sociedade por alguma injustiça. Ao defender a causa deles como sua está colocando em prática os ensinamentos do Mestre: “Amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força (...) amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este” (Mc 12,30-31). Tudo indica que os mártires da América Latina aderiram ao seguimento de Cristo nesta perspectiva da missão do próprio Jesus, herdada de seu Pai: “Escolhe pois a vida” (Dt 30,19). Para bem entender o conceito de martírio não se pode distinguir o Jesus histórico do Cristo da fé, porque, neste caso se valoriza muito os ensinamentos morais recolhidos do Evangelho sem levar em conta o lado transcendental. Para esta pesquisa, a proposta será considerar o Cristo da fé como instrumento de compreensão do Jesus histórico.

2.5. Alguns exemplos

Para esta pesquisa dois casos de martírio ajudarão na compreensão do que se quer propor. O primeiro não ocorreu na América Latina, mas, pode corroborar com a proposta do alargamento do conceito de mártir. São Maximiliano Maria Kolbe, conhecido como mártir da caridade, foi preso num campo de concentração em Auschwitz em 1941. No dia 03 de agosto um prisioneiro fugiu e por isso o comandante ordenou que executassem dez prisioneiros. Entre os dez havia o sargento Franciszek Gajowniczek, que era casado e tinha filhos. São Maximiliano, que não fora escolhido, oferece a si para morrer no lugar de Franciszek Gajowniczek. São João Paulo II o canonizou em 1982 como Mártir da caridade.⁴⁶ Este caso específico parece não se enquadrar num clássico tipo de martírio, por isso, o estudo dessa canonização pode contribuir com a pesquisa. O segundo é o recém declarado mártir Oscar Romero. A teologia desenvolvida por ele, sua práxis pastoral, merecem uma atenção especial, pois será de crucial importância para o que se quer propor.

⁴⁶ FUITEM, D. L., Vida de São Maximiliano Maria Kolbe, p. 10-70.

Será que a morte de pessoas que defendem o próximo pode ser considerada uma antecipação escatológica do Reino de Deus? Vejamos:

A mensagem e práxis do Reino se constituíram em ameaça mortal e fatal para Jesus. Como João Batista e os demais profetas, Jesus, o profeta escatológico dos últimos tempos, maior que Moisés, afetou a Herodes Antipas e ao Sinédrio, ou seja, ao poder temporal e religioso de seu tempo. O humilde e potente Reino de Deus entrou em rota de colisão com os poderes vigentes na inteira Palestina. De um lado, o humilde e potente poder de restituir a vida aos semimortos que jaziam sob o poder que a práxis dos fariseus faziam da Lei; do outro, o Sinédrio e os fariseus que instigavam as multidões e estas a Herodes e Pilatos para que condenassem Jesus à morte de cruz.⁴⁷

Dessa forma, aqueles que optam pela radicalidade da imitação total de Cristo, entregando livremente a própria vida em defesa do próximo, não podem ter o sentido de sua morte isolado de sua vida – isolado do contexto histórico-social-político – sendo assim, seu martírio deve ser entendido como um atestado de coerência e pode significar um sinal da antecipação do Reino.⁴⁸ Existem muitos *Romeros* na América Latina... É como se o Papa Francisco abrisse uma porta com esta canonização para os demais mártires da América Latina que, como Dom Oscar, amaram ao próximo até as últimas consequências, fazendo de um bem humano – referido a Deus – causa de martírio.

Conclusão

Ao analisar o tema martírio numa perspectiva histórico-teológica, percebe-se a necessidade de uma revisão do conceito clássico à luz das novas realidades vividas pela Igreja, sobretudo, na América Latina. Numa tentativa de sistematização pode-se dizer que na “acepção comum, mártir designa aquela pessoa que sofreu a morte violenta em testemunho da verdade religiosa ou por causa de práticas que se derivam desta verdade religiosa”.⁴⁹ No Antigo Testamento já se encontra a noção de testemunho como gérmen do martírio, pois é na figura do profeta que recai uma possível morte violenta. No Novo Testamento a morte de Cristo se torna o eixo central para o entendimento do martírio cristão, e por isso, nos três séculos seguintes a morte de Cristo, se observa o emprego do termo mártir como testemunha da caridade a exemplo de

⁴⁷ ROCHA, A. F., Práxis antecipatória e escatológica do Reino de Deus, p. 102.

⁴⁸ ROCHA, A. F., Práxis antecipatória e escatológica do Reino de Deus, p. 102.

⁴⁹ BOFF, L., Martírio, p. 17.273.

Cristo. Assim, destacamos a necessidade de uma pesquisa histórica mais aprofundada sobre a noção de mártir da Igreja primitiva nos três primeiros séculos, séculos da grande perseguição dos cristãos.

Ao desenvolver a memória dos mártires na América Latina nos deparamos com alguns questionamentos. O primeiro diz respeito a possibilidade do alargamento do conceito clássico de martírio. Segundo Tomás de Aquino “não existe martírio sem que o mártir morra”⁵⁰ e que “qualquer bem humano pode ser causa de martírio, enquanto referido a Deus.”⁵¹ Dessa forma, um único mandamento entendido sob duas dimensões [amar a Deus e ao próximo] pode ser uma chave de leitura para atualização do clássico conceito de martírio. A segunda questão traz o martírio como consequência de uma Teologia da Esperança-Cruz. No mártir é Cristo que sofre nele. Numa perspectiva do mártir como vítima não se pode separar cruz e ressurreição. A teologia do Martírio perpassa a teologia da Cruz que brota de uma teologia da Esperança. Logo, pode-se dizer, numa primeira análise, que a teologia do Martírio é o resultado de uma práxis que tem por base a teologia da Esperança-Cruz. Dessa forma, o Gólgota, na atualidade, é a América Latina, logo, esta pesquisa está historicamente no lugar propício para ser desenvolvida.

A terceira questão discute a possibilidade de se declarar um cristão como mártir a partir da defesa da vida sem a defesa direta da fé. Esta artigo, a priori, entende que tanto o amor natural quando o amor caritativo podem ser causa de martírio e que ambas não se excluem, pois temos um único mandamento: amar a Deus e ao próximo. Tanto a defesa da fé quanto a defesa da vida podem ser causas legítimas de martírio na atualidade, sobretudo na América Latina, em que o martírio é vivenciado por aqueles que defendem os mais pobres e excluídos. Dessa forma o contexto histórico-social-político é de suma importância para a análise da experiência vivida pelo cristão vitimado. A morte dessas pessoas pode significar um sinal da vinda iminente do Reino configurada por uma antecipação escatológica. Quem assume para si a sorte de Cristo pode muito bem enxergar Cristo nos excluídos que estão às margens da sociedade por alguma injustiça. Ao defender a causa deles como sua está colocando em prática os ensinamentos do Mestre: “Amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força (...) amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este” (Mc 12,30-31).

⁵⁰ BOENAVIDES, D. M., De martyrio in quinque articulos divisa, p. 8.

⁵¹ ST II, II, q. 124, a. 5, resp. 3.

Referências bibliográficas

A PRÁXIS do martírio: ontem e hoje. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. (Pastoral e Comunidade, 11).

AUGRAIN, C. Mártir. In: LÉON-DUFOUR, X. (Dir.). **Vocabulário de teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 562-563.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BOENAVIDES, D. M. De martyrio in quinque articulos divisa: o martírio na Suma Teológica de Tomás de Aquino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA, SOCIEDADE E PODER, 4., 2014, Jataí. **Anais eletrônicos...** Jataí: Universidade federal de Goiás, 2014. p. 1-11.

BOFF, L. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 17-24, 1983.

BOFF, L. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 273-280, 1983.

BÜHLMANN, W. A Igreja como instituição em situações de perseguição aos cristãos. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 79-85, 1983.

BÜHLMANN, W. A Igreja como instituição em situações de perseguição aos cristãos. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 335-341, 1983.

FISICHELLA, R. Martírio. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). **Dicionário de teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 568-577.

FUITEM, D. L. **Vida de São Maximiliano Maria Kolbe**: Mártir da Caridade. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GOFFI, T. Seguimento/imitação. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. (Dir.). **Dicionário de teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 1136-1145.

LIMA, L. C. Puebla, Pedro Arrupe e a análise marxista: discernimento em tempos da Guerra Fria. **Atualidade Teológica**, v. 23, n. 62, p. 327-348, mai./ago. 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46142/46142.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 15 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46142>

LOUTH, A. Martírio. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004. p. 1099-1102.

MARTINS, J.; TREVISAN, T. M.; CHANONA, C. **Martírio**: memória perigosa na América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia crista. Santo André: Academia Cristã, 2011.

RAHNER, K. Dimensões do Martírio: tentativa de ampliar um conceito clássico. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 13-16, 1983.

RAHNER, K. Dimensões do Martírio: tentativa de ampliar um conceito clássico. **Concilium**, v. 183, n. 3, p. 269-272, 1983.

RATZINGER, J. La fraternidad cristiana. In: RATZINGER, J. **Iglesia signo entre los pueblos**. Obras Completas. Madrid: Bac, 2015. p. 110-126. v.VIII/1.

ROCHA, A. F. Práxis antecipatória e escatológica do Reino de Deus. **Pesquisas em Teologia**, v. 2, n. 4, p. 96-106, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/849/679>>. Acesso em: 15 mai. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2019v2n4p96>

SÍNODO DOS BISPOS. **Instrumentum laboris**. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, 2019. Disponível em: <<http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/06/INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SOBRINO, J. **A fé em Jesus Cristo**: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINSANTI, S. Mártir. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (Dir.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 698-708.

TEPEDINO, A. M. De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias, perspectivas da Igreja Latino-americana. **Atualidade Teológica**, v. 14, n. 36, p. 376-394, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17718/17718.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 15 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.17718>

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: Do martírio: II seção da II parte, questão 124. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. v.6.

Luís Corrêa Lima

Doutor em História pela Universidade de Brasília
Docente do Departamento de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: lclima1962@gmail.com

João Pedro Augusto Alves de Holanda

Doutorando em Teologia Sistemática pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: jpaugustoholanda@hotmail.com

Recebido em: 12/02/20
Aprovado em: 15/05/2